

ESTUDOS NIETZSCHE

VOL. 14 - N. 1 ISSN 2179-3441

Decadência física e força espiritual: uma consideração acerca da plena aceitação da vida em Nietzsche e da sua significação para a compreensão da obra publicada

*Physical decadence and spiritual strength: on the full acceptance of life in
Nietzsche and its significance for understanding his published work*

Roberto Barros 

Doutor em Filosofia pela Universidade Técnica de Berlim (TU-Berlin)

Professor da FAFIL e do PPGFIL da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Belém, PR, Brasil

Contato: robertobarr@ufpa.br

Resumo:

Um dos aspectos singulares da filosofia de Nietzsche decorre do fato da vinculação estabelecida pelo filósofo entre a sua vida e a sua obra. Pessoa de saúde frágil, o autor indica que buscou não apenas encontrar potencialidades positivas nas suas dificuldades, como ainda enfatizou a ligação entre elas não apenas com os seus escritos, mas também com as posições filosóficas apresentadas nos mesmos. O texto a seguir buscará analisar tais indicações, decisivamente a partir de seus escritos que enfatizam tal vinculação e concedendo especial atenção à ideia de convalescença (*Genesung*), tal como ela é mobilizada em uma perspectiva afirmativa nos seus escritos.

Palavras - chave: Vivência. Saúde. Convalescença. Criação.

Abstract:

One of the unique aspects of Nietzsche's philosophy stems from the link he established between his life and his work. A person in poor health, the author indicated that he sought not only to find positive potential in his difficulties, but also emphasized the link between them not only with his writings, but also with the philosophical positions presented in them. The following text will attempt to analyze these indications, based decisively on his writings that emphasize this link and paying special attention to the idea of convalescence (*Genesung*), as it is mobilized in an affirmative perspective in his writings.

Keywords: Experience. Health. Convalescence. Creation.

“Die stärksten Naturen halten den Typus fest, die schwächeren helfen ihn fortbilden.”

“As naturezas fortes mantêm o tipo, as fracas o ajudam a se desenvolver”.
(HH I, 224)

Introdução

Dada a recepção bastante restrita de *Assim falava Zaratustra*, Nietzsche resolveu republicar todos os seus livros anteriores àquele escrito¹, acrescentando aos mesmos prefácios, até então inexistentes nas suas respectivas publicações iniciais (BURNETT, 2008, p. 24). Esse projeto foi efetivado no ano de 1886 e acabou por consistir, na obra publicada, em um intento de esclarecimento e de conexão dos escritos, tentando conferir-lhes certas linhas de conectividade argumentativa (BRUSOTTI, 1999, p. 19). Um traço fortemente enfatizado tanto nestes prefácios quanto em *Ecce Homo* é o vínculo entre vida e obra do autor, o que pressupõe e indica, dentre outros aspectos, o afastamento de qualquer pretensão de conferir neutralidade ou objetividade à sua filosofia e, desse modo, o estabelecimento de um distanciamento tanto da milenar noção filosófica de um sujeito racional e neutro, como da noção de verdade associada a ele e ao seu esforço cognitivo. Entretanto, antes de recair em alguma forma de testemunho subjetivo ou solipsista, essa indicação visa esclarecer aspectos dos pressupostos e das afinidades necessárias requeridas pelos escritos e seus conteúdos a potenciais leitores, que então necessitariam possuir proximidades tanto valorativas quanto fisiológicas com os posicionamentos do autor. A importância desses aspectos pode ser confirmada com a publicação, dois anos após a reedição dos livros acrescentados aos prefácios (portanto em 1888), da biografia intelectual, escrita pelo próprio Nietzsche, *Ecce Homo*, na qual, em forte conexão argumentativa com os prefácios, este aspecto é novamente ressaltado, mesmo que já inserido no contexto dos direcionamentos do autor na última fase de sua produção filosófica (EH, Prefácio 3, KSA 6, p. 258). Nesse sentido, o conjunto de prefácios pode inclusive ser lido de forma sequencial e independentemente dos seus respectivos livros, não obstante a inultrapassável vinculação a estes. Todavia, os mesmos não se direcionam a oferecer um maior ou mais específico esclarecimento analítico ou conceitual do conteúdo dos livros publicados, mas com eles é visado indicar alguns pressupostos e direcionamentos dos escritos e os associar ao percurso intelectual de seu autor, tendo como pano de fundo a sua vida e as suas vivências individuais (*Erlebnisse*) (GC, Prólogo, 1, KSA 3, p. 346), oferecendo com isso indicadores à compreensão dos fins visados com os escritos. Com esse direcionamento Nietzsche não unicamente visava distanciar a sua filosofia do padrão de impessoalidade objetiva que norteava a tradição filosófica alemã; ele também objetivava oferecer indicativos que tornassem evidente que autor e obra estão sempre indissolivelmente ligados e de como esta ligação deveria ser

¹ Por conseguinte, *O nascimento da tragédia* (NT), os dois volumes de *Humano, demasiado humano* (HH I e II), *Aurora* (A) e *A gaia ciência* (GC).

explorada na sua potencialidade interpretativa, decisivamente com respeito ao perspectivismo avaliativo de toda interpretação (STELLINO, 2017, p. 260). A partir desses indicadores e de suas múltiplas conexões, o filósofo dá uma conotação reflexiva a muitas de suas vivências individuais (EH, Por que eu sou tão sábio, 1, KSA 6, p. 264), mas buscando ressaltar o aspecto singular segundo o qual ele as reelaborou em suas obras, oferecendo com isso indicadores para a compreensão dos direcionamentos das mesmas. O presente texto abordará estes vínculos indicados pelo autor a partir dos prefácios já mencionados e de *Ecce Homo*, seguindo seus respectivos direcionamentos, associados às noções norteiam o período final da produção filosófica de Nietzsche.

O personalismo como chave de leitura

Nos prefácios e em *Ecce Homo* Nietzsche menciona muitos aspectos sobre a sua vida, que vão desde a menção à morte prematura do seu pai, passando pelas descrições de aspectos da constituição física e pela tematização dos seus muitos problemas de saúde. São vários os sentidos dessas menções. Dentre eles, o de evidenciar como enfermidade, convalescência (*Genesung*) e superação (*Überwindung*) são noções centrais para que se possa compreender os escritos e o que o autor visava com eles. A intenção é, a partir desses aspectos, indicar um direcionamento da obra publicada, que conecte o desenvolvimento temático que leva até *Zarathustra* com as problematizações posteriores a ele, decisivamente com o projeto da transvaloração dos valores. Nesse sentido, ainda que as obras prefaciadas tenham prioritariamente a ver com *Assim falava Zarathustra*, tal como é repetidas vezes enfatizado pelo próprio autor, é evidente que, se considerados os direcionamentos dos escritos e do material póstumo do seu último período de reflexão, com os prefácios Nietzsche já insere o próprio *Zarathustra* no horizonte da questão axiológica relacionada à problematização do niilismo, que marca a última fase de sua filosofia.

Desse modo, o primeiro dos prefácios², acrescido a *O nascimento da Tragédia*, (GT/NT) intitulado “Tentativa de autocrítica”, traz indicações acerca dos reais motivos por detrás dos empreendimentos do então jovem autor com respeito aos antigos gregos; do seu interesse pelo seu “pessimismo da força”, pelo impulso dionisíaco, e de como estes dois fatores foram responsáveis pelos equívocos em seu entusiasmo excessivo no livro, entendido então como “impossível”, “mal escrito”, “pesado”, “embaraçoso”, “imaginativo e confuso” (NT, Autocrítica 3, KSA 1, p. 14). O sentido destas menções é claro: dar indicações acerca dos motivos de seu afastamento com respeito ao wagnerianismo e seu componente schopenhaueriano que, todavia, não é diretamente citado no prefácio, mas subentendido como

² Todavia não primeiro a ser escrito, pois o autor escreveu primeiramente o prefácio para o primeiro volume de HH. Cf. BURNETT, 2008, p. 26.

extensão do romantismo que o autor então entende como “a mais não grega de todas as formas de arte”, como um “destruidor de nervos de primeira monta” e que leva à embriaguez, ao “não discernimento enquanto virtude” e, assim, gerando um efeito semelhante a um “eflúvio narcótico” em seu público (NT, Autocrítica 6, KSA 1, p. 20).

Os gregos como modelos efetivos e o embate pela arte e pela cultura

A contraposição entre os gregos pré-filosóficos³ e o romantismo é novamente retomada, tendo em vista a compreensão daquilo que Nietzsche naquele momento desejava revelar acerca do seu filosofar, dos ensinamentos de Zaratustra e da sua contraposição ao niilismo que ele interpretava no seu tempo. A oposição indicada entre o pessimismo da força dos gregos, resultado de sua extrema sensibilidade perceptiva do mundo em sua dureza (NT 3, KSA 1, p. 35), da sua aceitação e embelezamento desta por intermédio da arte, e aquilo que o filósofo interpreta como pessimismo romântico e depreciador da vida na sua efetividade, é então indicada como central para a sua interpretação da arte wagneriana como narcotização estética, que a aproxima de um niilismo prático (*praktischen Nihilismus*) e remete seus entusiastas a antigas crenças em antigos deuses (NT, Autocrítica 7, KSA 1, p. 21). Esta interpretação indica a utilização de categorias psíquicas e valorativas associadas às problematizações estético-artísticas na reflexão de Nietzsche sobre a arte e sobre a sua significação no seu tempo e que são novamente mobilizadas no seu escrito *O caso Wagner*, de 1888. Ao afirmar que a força dos gregos teria sido evidenciada quando esses, na “riqueza de sua juventude”, demonstraram uma “Vontade para o trágico” (*den Willen zum Tragischen*) e foram pessimistas (NT, Autocrítica 4, KSA 1, p. 16), Nietzsche quer indicar uma designação de força associada à capacidade de contraposição à tentativa filosófica de negar a concepção do intransponível sofrimento inerente à existência, que na sua interpretação seria o componente determinante da perspectiva grega pré-filosófica. Ele deseja reafirmar a significação do sofrimento e a necessidade de aceitá-lo como aspecto inerente à vida e, mesmo, como potencial fonte de engrandecimento da mesma. Sofrimento neste sentido tem sua significação ampliada com respeito a uma interpretação unicamente física. Ele é tomado como forma de percepção imanente e efetiva do mundo e como critério de valorização deste e da vida (FP 1875, 9[1], KSA 8, p. 147). Diferentemente da perspectiva schopenhaueriana, que com sua interpretação das filosofias védica e budista acaba por indicar traços positivos na negação do querer viver como um dos poucos e raros aspectos capazes de interromper a continuidade dos sofrimentos causados pela insaciedade volitiva (SCHOPENHAUER, WV/MV § 69, p. 512), Nietzsche interpreta a visão trágica grega como uma perspectiva segundo a qual, apesar da sua dureza, a existência não apenas não era negada, mas era mesmo

³ Pois a filosofia grega significou nesta perspectiva, para Nietzsche, a “decadência do instinto grego”, que se expressou exemplarmente na diferenciação entre “a coragem ante a realidade” de Tucídides e a covardia do idealismo platônico ante a mesma (CI, O que devo aos antigos, 2, KSA 6, p. 156).

desejada. Para ele, o mesmo motivo influenciou a arte wagneriana de última fase, caracterizada pelo elogio da pureza moral e da castidade enquanto vias para a redenção (*Erlösung*) em *Parsifal*. O autor de *Zarathustra* busca então apresentar uma perspectiva não unicamente especulativa enquanto contraponto às valorações metafísicas. Ele encontra nos gregos pré-filosóficos um contraponto anterior, que efetivamente existiu e fora livre de tais pressupostos. Nietzsche interpreta as concepções schopenhauerianas e wagnerianas como decisivamente valorativas e busca então, por meio dos gregos, enfraquecer qualquer pretensão de absolutização desses valores. O que ele busca ressaltar são os traços não contemporâneos das projeções valorativas dos antigos gregos, portanto, completamente apartadas daquelas ligadas à filosofia e à metafísica.

Sob o ponto de vista da produção autoral, esse posicionamento visa repercutir como negação da possibilidade de alguma forma de contemplação desinteressada e objetiva sobre a existência ou ainda da necessidade de uma ascese redentora como antídoto ao sofrimento inerente a ela. O filósofo então adota uma ampla leitura filosófico-cultural e compreende tais perspectivas enquanto advindas da inversão valorativa empreendida pelo socratismo e que foram assimiladas e propagadas no e pelo cristianismo, chegando até a contemporaneidade e se manifestando de forma sintomática na filosofia de Schopenhauer e na música de Wagner⁴.

Esses podem ser citados como fatores posteriormente percebidos como divergentes entre a pretensão de um restabelecimento da perspectiva trágica enquanto antídoto à decadência cultural que Nietzsche interpretava no seu tempo e as perspectivas da filosofia de Schopenhauer e a música de Wagner. O projeto de recuperação da cultura trágica foi compreendido como impossível de ser realizado a partir de Schopenhauer e de Wagner, mas continuou a ser pressuposto no projeto de transvaloração dos valores, enquanto alternativa à moral depreciadora da existência (FP 1887, 9[83], KSA 12, p. 378). A partir disso teria sido percebido o equívoco de interpretar a filosofia schopenhaueriana e a arte wagneriana como contraposições ao pessimismo moderno e, ainda, que ambos poderiam ter consistido em agentes de uma contraposição efetiva a esse acontecimento contemporâneo, pois ainda estariam centralmente adequados ao contexto cultural advindo da metafísica e à tendência de depreciação da vida dele decorrente. Nietzsche parece perceber que uma interpretação positiva da sabedoria trágica só seria possível na contemporaneidade se fossem criadas as condições para isso e a partir de uma mudança de valores. Na época da hegemonia da ciência, uma visão de mundo calcada nestas noções estaria sempre fadada a buscar um último refúgio no místico e no fantasioso, que serviriam, no limite, como narcótico para uma cultura que ruía devido às suas contradições e impossibilidades. O que Nietzsche identificara na

⁴ Nietzsche posteriormente esclarece, em carta a George Brandes, que os rompimentos com Wagner e com o wagnerianismo, por conseguinte, com a filosofia de Schopenhauer, se deveram em muito à percepção de uma falsa interpretação de ambos, marcada por uma compreensão a partir de si mesmo (SOMMER, 2017, p. 13).

valorização e no embelezamento da vida na arte grega ele nomeia, quase uma década e meia depois, como anelo de força daquela, na sua força vital, em contraposição a formas de pensar e de avaliar (*Denk- und Werthungsweise*) inimigas da vida (*lebensfeindliche*) (NT, Autocrítica 5, KSA 1, p. 18). Isso seria aquilo que o filósofo teria assimilado dos gregos e que ele indica que gostaria de ter dito em seu livro inicial. Mas, ao invés disso, ele afirma que deixou-se desviar por formas de expressão schopenhauerianas e românticas, que redundaram destarte em uma concepção metafísica do artista e da arte, que o levou a compreender a arte como atividade metafísica do homem (NT, Autocrítica 5, KSA 1, p. 17).

A experiência pessoal da convalescência e as possibilidades avaliativas

A partir do já mencionado, os prefácios para os dois volumes de *Humano, demasiado humano* (HH I) se inserem no escopo de esclarecimento dos direcionamentos das obras publicadas e, portanto, ao indicarem a relação entre a vivência singular do autor e a sua obra, também ressaltam aspectos constitutivos do projeto de transvaloração dos valores que Nietzsche deseja empreender com sua filosofia. Os prefácios apresentam a descrição mais próxima de uma trajetória intelectual calcada em uma interpretação de vida singularizada⁵, que Nietzsche caracteriza por meio das noções de convalescência, mas também de coragem e de criação. É neste sentido que o autor busca ressaltar a criação aproximada da poesia e da arte em geral, enquanto forma de “regeneração de si mesmo” (*Erholung von mir*), de autoesquecimento, tratamento e autorrestabelecimento (*Kur und Selbstwiederherstellung*) (HH I, Prefácio 1, KSA 2, p. 14), que estariam na base tanto dos seus equívocos com Schopenhauer, com Wagner⁶ e com a moral. O aspecto

⁵ A afirmação de inicial Nietzsche na seção “Por que escrevo livros tão bons” de *Ecce Homo*, “Uma coisa sou eu e outra são meus escritos” (KSA 6, p. 298) carece de ser interpretada por meio de um viés psicológico, que é várias vezes indicado pelo próprio autor, tendo em vista que ele indica que se considere os seus livros a partir desse pressuposto (HH I, Prefácio 8, KSA 2, p. 22). Com efeito, ainda no mesmo tópico da seção de *Ecce Homo*, ele menciona aspectos que corroboram com esse aspecto, que sintetizados são: (1) O fato de que o intérprete não pode extrapolar suas capacidades interpretativas; e (2) que livros falam de experiências pessoais (*dass ein Buch von lauter Erlebnisse redet*), que frequentemente estão além das possibilidades das experiências gerais (*Erfahrungen*), pois tratam da primeira linguagem para uma nova sequência de experiências gerais, que, portanto, constituiria uma nova experiência geral (*durchschnittliche*) e expressaria a própria originalidade (*Originalität*) do autor (EH, Por que escrevo livros tão bons, 1, KSA 6, p. 300). No § 5 da mesma seção Nietzsche afirma: “Nos meus escritos fala um psicólogo sem semelhante (*der nicht seines Gleichen hat*), esta é a primeira impressão (*Einsicht*) a que chega o leitor” (EH, Por que escrevo livros tão bons, 5, KSA 6, p. 305). Considerando, portanto, que a psicologia de Nietzsche pressupõe a atuação ativa de aspectos pulsionais e não conscientes no pensar e no estilo da autoria, a diferenciação acima mencionada diz respeito à impossibilidade de uma completa transposição das inclinações do autor para a obra (GC 381), mas também à necessidade de uma certa compatibilidade psicológica e valorativa do leitor com o mesmo.

⁶ A percepção por parte de Nietzsche da incompatibilidade entre wagnerianismo e o seu projeto de reforma da cultura na década de setenta (BENVENHO, 2021, p. 125) – por conseguinte com a metafísica schopenhaueriana, também fonte de inspiração de Wagner – resultou na sua interpretação do declínio vital da cultura ocidental entendida como “herança da interpretação cristã” (CI, *Incursões de um extemporâneo*, 21, KSA 6, p. 125). Em última análise, Nietzsche justifica seus equívocos indicando que

psicológico deste autoengano é exemplarmente indicado na concepção do “espírito livre”, inventado (*erfunden*) pelo autor enquanto necessidade de companhia (*zur Gesellschaft nötig*) para “manter coisas boas em meio às [coisas] más” (doença, solidão, estranhamento, apatia, inatividade)” (HH I, Prefácio 2, KSA 2, p. 15). Ele indica que tudo tratou-se de uma forma ativa, premeditada, de autoengano, que tinha por finalidade a recuperação após uma dura necessidade de mudança, efetivada por meio de criação imaginativa com caráter projetivo, pois a invenção dos espíritos livres tinha por finalidade indicar não imediatamente a existência dos mesmos, mas as condições de possibilidade para que eles viessem a surgir. Este novo direcionamento é então indicado como associado a um grande rompimento (*grosse Loslösung*) com respeito a lugares, coisas e pessoas com as quais até então o autor convivera e que vieram a ser abandonadas, através de um intenso e doloroso desejo de mudança, pois “o ruim e o doloroso pertencem à história do grande rompimento” (HH I, Prefácio 3, KSA 2, p. 16). O rompimento, entendido enquanto irrupção da força e da vontade para a autodeterminação, autoavaliação e vontade de livre querer (*Wille zum freien Willen*), foi determinante para o início do processo que, segundo Nietzsche, assimilou a doença e a associou à tentativa de demonstrar a sua soberania sobre as coisas. Isso, todavia, implicou em doentio isolamento (*krankhaften Vereinsammung*), visando a madura liberdade do espírito (*Freiheit des Geistes*) (HH I, Prefácio 4, KSA 2, p. 17), para o que foram necessários longos anos de convalescência, cheios tanto de mudanças quanto de vontade de saúde (*Willen zur Gesundheit*).

Convalescência, tal como mencionada nos escritos, não deve ser interpretada unicamente em um sentido orgânico (BITTENCOURT, 2010, p. 135); mas, para além disso, também em sentido espiritual e moral, pensada simultaneamente em sintonia e contraposição com a condição física efetiva. De tal modo, as enfermidades adquirem um papel decisivo no processo de criação valorativa, pois possibilitam, no restabelecimento, um distanciamento daquilo que é estranho ao próprio espírito. Esse processo de restabelecimento externo e interno possibilitou a criação de novas formas de valoração, e a determinação que se fez necessária a elas não constituía um estágio final do processo, mas sim transitório, pois um passo à frente nela, e “o espírito livre aproxima-se novamente da vida, lentamente, é claro; quase rebelde, quase desconfiado” (HH I, Prefácio 5, KSA 2, p. 19). Isso significou uma aproximação das coisas mais próximas, do mundo na sua efetividade imanente. Tornando-as novamente perceptíveis, dadas as mudanças daquele que não ficou unicamente no seu próprio lar, consigo mesmo, mas que mudou, suportou “o cansaço, as velhas doenças e as recaídas do convalescente! (*Rückfällen des Genesenden*)” (HH I, Prefácio 5, KSA 2, p. 19) que, portanto:

Dito seriamente, se trata de um tratamento basal (*gründliche Kur*) contra todo pessimismo (e danos cancerígenos de velhos idealistas e conhecidos

suas interpretações de ambos falavam efetivamente dele mesmo e não das reais concepções daqueles, alteradas por ele próprio em favor de suas perspectivas (EH, As extemporâneas, 3, KSA 6, p. 320).

mentirosos), se tornar um doente como um espírito livre. Adoecer por um tempo e então, mais longamente, ainda mais longamente, permanecer saudável. Eu penso em tornar-se “ainda mais saudável” [*gesünder*]. Consiste em uma sabedoria, uma sabedoria de vida, prescrever a si mesmo, mesmo por um longo tempo, apenas em pequenas doses, a saúde. (HH I, Prefácio 5)

A convalescença é, desse modo, usada como uma chave interpretativa do processo de constituição do pano de fundo pessoal e intelectual (GC, Prólogo 1, KSA 3, p. 345). Indicada como aspecto inerente aos escritos e aos seus propósitos, ela deve ressaltar a contraposição entre o sofrimento que cria e aquele que nega. No prefácio para o segundo volume de *Humano, demasiado humano* (HH II), Nietzsche então indica diretamente; “Meus escritos falam apenas de minhas superações (*Ueberwindungen*)” (HH II, Prefácio 1, KSA 2, p. 369), que estas careceram de um tempo de convalescença e que seus escritos contêm um “ensinamento de saúde” (*Gesundheitslehre*) (HH II, Prefácio 2, KSA 2, p. 371), recomendado como *disciplina voluntatis* àqueles que, enquanto “pessimistas com boa vontade para com o pessimismo”, se opõem ao pessimismo romântico (HH II, Prefácio 4, KSA 2, p. 373), da inatividade, da resignação. As noções de convalescença e pessimismo são mobilizadas na argumentação para esclarecer e indicar a força criativa dos escritos e com isso advertir o leitor do ânimo de aceitação incondicional da vida contido neles; aceitação até mesmo do sofrimento inerente a ela, para então tornar a sua plena afirmação possível.

Com isso, Nietzsche busca indicar uma forma outra de pessimismo, cuja finalidade é o “estabelecimento da permissão de ser em algum momento novamente pessimista” (HH, Prefácio 5, KSA 2, p. 375). Não se trata de ansiar afirmar uma visão negativa da vida, mas precisamente o contrário. O seu pessimismo com características imanentistas (TUGENDHARDT, 2002, p. 49) busca primeiramente se contrapor a falsas ou idealizadas interpretações da existência, que para o filósofo redundaram na contemporaneidade em desalento com relação a ela. O pessimismo aludido por Nietzsche tem em vista não a resignação ante a crueldade da existência, mas a determinação de aceitar a existência em sua totalidade, mesmo os seus aspectos mais dolorosos e difíceis, consistindo nisso o seu aspecto vital afirmativo.

A vida mesma nos recompensa (*belohnt*) por nossa obstinada vontade de viver, por uma longa guerra como a que eu anteriormente empreendi contra o pessimismo do cansaço vital (*Pessimismus der Lebensmüdigkeit*), mesmo em favor de cada olhar atento de nossa gratidão, que se permite não deixar passar os menores, tênues, mais fugazes presentes da vida. (HH II, Prefácio 5, KSA 2, p. 375).

Do ponto de vista interno da obra, Nietzsche retorna à matriz do pensamento trágico que ele identificara nos gregos desde a sua primeira obra (CI, O que devo aos antigos, 5, KSA 6. p. 160). Todavia, neste momento, em um sentido outro e tendo em vista reposicionar o seu *Assim falava Zarathustra* no contexto dos novos temas que ocupam a sua reflexão na segunda metade da década de oitenta.

É neste contexto que a convalescência adquire profundidade filosófica, pois ela passa a demarcar a ideia de força espiritual, que mesmo no sofrimento é e afirma-se como afirmativa e criadora. Zaratustra, com efeito, é também apresentado como um convalescente, que busca superar a dureza de seus ensinamentos por meio de mudança de valores e da criação possível a partir dela. Seus princípios motrizes são a criação e a superação, que estão implícitas na interrelação afirmativa entre o pensamento do eterno retorno e o ensinamento do Além-do-homem (BARROS, 2017, p. 130). Seus ensinamentos diferenciam-se das antigas doutrinas por não visarem outros mundos ou vidas, mas anunciarem a fidelidade à terra e à existência (ZA, Prólogo 3, p. 17). Com efeito, o viés indicado pelos prefácios tem declarada finalidade de fazer compreender determinados aspectos representados pelo sábio persa a partir do enfoque moral da filosofia de Nietzsche na segunda metade da década de oitenta. Nesse contexto, a convalescência de Zaratustra é indicada como consequência das suas opções valorativas (BORNEDAL, 1986, p. 110), da aceitação do seu pensamento abissal (EH, Por que sou tão sábio, 4, KSA 6, p. 270), peso incomparável da responsabilidade das escolhas ante a hipótese da efetividade do eterno retornar de todas as coisas. A aceitação desta perspectiva, que gera temor no próprio personagem, pode, a partir dos prefácios e de *Ecce Homo*, indicar as dificuldades do próprio autor em expressar seus impulsos e pensamentos mais interiores.

Moves-te, espreguiças-te, agonizas? Levanta! Levanta! Não agonizar – falar-me é o que deves! Zaratustra, o sem Deus, te chama!
Eu, Zaratustra, o anunciador da vida, o anunciador da dor, o anunciador do círculo – chamo-te, meu mais abissal pensamento! (ZA III, O convalescente, 1, KSA 4, p. 270)

Por conseguinte, Zaratustra é aquele que anuncia o mais pesado dos pensamentos, possibilitado pela percepção da morte do deus cristão e, por conseguinte, das formas de valoração relacionadas a ele. Com isso é negada a existência de toda forma de determinação superior e indicada a necessidade intransponível da aceitação da necessidade da autodeterminação de escolhas. Ao referir-se àquela obra, ainda a mencionando a partir da indicação de uma centralidade decisiva e a indicando como produto de uma criação já associada ao escopo da transvaloração dos valores, Nietzsche fornece importantes indicações de que os prefácios e *Ecce Homo* têm por finalidade não apenas esclarecer os conteúdos e perspectivas dos escritos anteriores, mas conectá-los aos novos direcionamentos que o autor busca integrar à sua obra (SCHMIDT, 2016, p. 27). Pensado como escrito filosófico, mas completamente divergente da tradição lógico-conceitual assimilada pela filosofia, *Zaratustra* constitui já uma etapa do empenho pela transmutação dos valores e mesmo necessita ser ressaltado enquanto tal, para que os seus posicionamentos filosóficos sejam passíveis de compreensão.

Todavia, para aceitá-los, é necessário assumir os riscos da determinação da própria existência⁷, tal como fizera o próprio Nietzsche. Neste sentido, Zaratustra, o andarilho e escalador de montes (ZA, O andarilho, KSA 4, p. 193), que alteraria a experiência da profundidade dos vales e da elevação dos cumes, pode ser considerado como uma criação das sucessivas enfermidades e convalescências do filósofo; que, ao invés de novamente adotar o ponto de vista da condenação da dureza da existência, mobilizou seus sofrimentos e convalescências para a criação, em oposição ao pessimismo metafísico do romantismo⁸. Neste sentido, os ensinamentos de Zaratustra indicam de forma central para os leitores o ensinamento da autossuperação (JULIÃO, 2007, p. 102), não apenas como forma de suportar os desafios e sofrimentos da existência, mas de incondicionalmente aceitá-la, mobilizando os fatores negativos como força criadora e afirmativa da vida. Ou ainda, nas palavras de Zaratustra:

Amo aqueles que não sabem viver senão como os que sucumbem, porque são aqueles que transpõem.
Amo os grandes desprezadores, porque são os grandes veneradores e flechas do anseio pela outra margem.
Amo aqueles que não procuram primeiro um motivo atrás das estrelas para se sacrificar e sucumbir, mas sacrificam-se a terra, para que a terra, algum dia, se torne o *além-do-homem* (ZA, Prólogo 4, KSA 4, p. 18).

Considerações finais

Os prefácios e *Ecce Homo* oferecem significativos indicadores para que se compreenda aspectos inultrapassáveis da filosofia de Nietzsche. A narrativa de primeira pessoa nestes textos pode, rapidamente, remeter ao ponto de vista intuitivo de que se trata de um pensamento personalista, solipsista. Entretanto, uma leitura mais atenta acaba por revelar que o autor mobiliza tais aspectos para fazer uma crítica dos antigos pressupostos de neutralidade e de racionalidade incondicionada, para ele aspectos constitutivos e geradores do niilismo moderno. O ponto de vista de Nietzsche se alicerça na vida efetiva, na perspectividade de um enfermo, de um convalescente (EH, Por que sou tão sábio, 1, KSA 6, 266), que transvalorou até mesmo as doenças em “enérgico estimulante da vida” (EH, Por que sou tão sábio, 2, KSA 6, 266), onde ambas as noções jamais são encontradas. Não se trata apenas de tentar refutar os pressupostos metafísicos, mas de demonstrar que eles decorrem de princípio valorativos e não de fatores que possam ser efetivamente referenciados ou demonstrados efetivamente⁹. Por fim, vários posicionamentos

⁷ Cujas decisões determinariam os ciclos destinados a eternamente se repetirem caso uma nova atitude não seja tomada.

⁸ Wolfgang Müller-lauter (1999, p. 12) sintetiza esta correlação com bastante clareza, ao relacionar a percepção da decadência física com a ideia de “sadio no fundamento”.

⁹ Mesmo partindo do pressuposto que Nietzsche em momento algum defende algum tipo de teoria da correspondência, as suas críticas ao idealismo (CLARK, 2002, p. 39) pressupõem uma noção de efetividade desvinculada da noção metafísica de realidade (*Realität*).

indicados por Nietzsche possibilitam desabilitar, sob o ponto de vista substancial, até mesmo a noção de sujeito em sua acepção moderna¹⁰. O eu a que se refere o autor pode ser muito melhor entendido como singularidade apenas segundo o ponto de vista de suas diferenciações e vivências próprias com respeito a outras pessoas, percursos e escolhas. O empenho de Nietzsche em vincular a sua filosofia à sua própria existência – “Pois desde que se é uma pessoa, tem-se necessariamente a filosofia de uma pessoa” (GC, Prefácio 2, KSA 3, p. 347) – não significa que aquela se resume unicamente a ela. Em sua filosofia o apelo pela assimilação da necessidade de autodeterminação ultrapassa o caráter pessoal, e esse amplia o significado da autorreferência. Destarte, as menções aos problemas de saúde e aos restabelecimentos associadas ao pensamento ativo, afirmativo e propositivo, buscam ser contextualizadas no horizonte amplo da tentativa de inversão dos valores milenares da cultura ocidental, que na interpretação de Nietzsche a levaram ao pessimismo e ao niilismo. Ao fazer oposição a estas duas tendências, a referência a si próprio é ampliada pela significação da contraposição valorativa e torna a experiência pessoal em um embate filosófico amplo pela vida e por suas potencialidades, que para Nietzsche estão ameaçadas na modernidade.

Contíguo, para além, fora, acima, permite perguntar se não fora a doença que inspirou a filosofia. O inconsciente disfarce de necessidades fisiológicas sob o manto do objetivo, dos ideais, do puro espiritual, vai tão longe que alcança o assustador – e com frequência me perguntei se até hoje a filosofia, amplamente considerada, não teria sido apenas uma reflexão (*Auslegung*) do corpo e um equívoco do corpo (*Missverständnis des Leibes*). Por trás dos mais altos juízos de valor que até hoje guiaram a história do pensamento se escondem equívocos da constituição corpórea, seja de indivíduos (*Einzelnen*), seja de castas (*Ständen*) ou raças inteiras. (GC, Prefácio 2, KSA 3, p. 348).

É desta forma que, na perspectiva de Nietzsche, até mesmo fortes desvantagens físicas podem ser transmutadas em força afirmativa, por meio da criação, livre das amarras de perspectivas morais restritivas.

¹⁰ Pois a necessidade do sujeito deve ser inserida no domínio da necessidade metafísica, tal como as noções de identidade e de substância, resultantes da intelectualização de instintos voltados à sobrevivência (GC 110, KSA 3, p. 469). Em *Ecce Homo*, na seção intitulada “Por quê sou tão sábio” (§ 9, KSA 6, p. 293), Nietzsche afirma: “Neste ponto não se pode mais propriamente contornar a resposta à pergunta como se tornar aquilo que se é (*wie man wird, was man ist*). E com isso toco a obra prima na arte da autoconservação – a busca por si mesmo (*Selbstsucht*)... Tomando-se propriamente que a tarefa, a determinação, o destino (*Schicksal*) da tarefa, repousa significativamente acima de uma medida, e assim não restaria nenhum perigo maior que confrontar com essa tarefa. Ser aquilo que se é, pressupõe que não se tenha a mais longínqua noção do que se é (*Dass man wird was man ist, setzt voraus, dass man nicht im Entferntesten ahnt, was man ist*). A ideia de individualidade em Nietzsche é determinada pela diferenciação das metas e não pela adequação a uma determinação designativa.

Referências bibliográficas:**Fontes primárias:**

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe (KSA) in 15 Bände. G. Colli e M. Montinari (Org). München, de Gruyter/DTV, 1980.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Die Welt als Wille und Vorstellung*. Werksausgabe. Zürich: Haffmans Verlag, 1987.

Fontes secundárias:

BARROS, Roberto. *Nietzsche: Além-do-homem e idealidade estética*. Campinas: Ed. PHI, 2016.

BENVENHO, Célia Machado. Relação entre educação, cultura e vida para o professor Nietzsche. *Cadernos Nietzsche*, Guarulhos/Porto Seguro, v. 43, n. 3, p. 123-144, setembro/dezembro, 2022.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Estética como fisiologia aplicada em Nietzsche. *Revista VISO. Cadernos de estética aplicada*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, pp. 123 – 143, 2010.

BORNEDAL, Peter. Eternal Recurrence in Inner-Mental-Life. The Eternal-Recurrence-Thought as describing the Conditions of the Possibility for Knowledge and Pleasure. *Nietzsche Studien*, 35, Berlin/New York, 1986.

BRUSOTTI, M: “Introduzione” a *Nietzsche, F. Tentativo di Autocritica. 1886-1887*. Gênova: Il Melangolo, 1992.

BURNETT, Henry. *Cinco prefácios para cinco livros escritos. Uma autobiografia filosófica de Nietzsche*. Belo Horizonte: Tessitura, 2008.

CLARK, Maudemarie. *Nietzsche on Truth and Philosophy*. New York: Cambridge University Press, 2002.

JULIÃO, José Nicolau. A experiência da superação em *Assim falava Zaratustra*. *O que nos faz pensar*. Revista da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, vol. 21, pp. 80 – 111, 2007.

LAUTER-Müller, Wolfgang. *Décadence* artística enquanto *décadence* fisiológica. A propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner. *Cadernos Nietzsche*, n. 6, pp. 11 – 30, 1999.

MEDRADO, Alice. O cultivo de si, o cultivo da liberdade. *Estudos Nietzsche*, v. 13, n. 1, p.141-173, jan./jun. 2022.

SCHMIDT, Jochen. *Der Mythos „Wille zur Macht“*. *Nietzsches Gesamtwerk und der Nietzsche-Kult. Eine historische Kritik*. Berlin-New York: Walter de Gruyter, 2016.

SOMMER, Andreas Urs. Nietzsche, Wagner e a decadência. *Cadernos Nietzsche*, v. 38, n. 1, pp. 11 – 25, 2017.

STELLINO, Paolo. Projetismo dos valores em Nietzsche. *Cadernos Nietzsche*, v. 38 n. 3, pp. 259 – 271, 2017.

TUGENDHAT, E. Nietzsche e o Problema da Transcendência Imanente. *Revista Éthic@*, v. 1, n. 1, pp. 47-62, 2002.

Recebido: 09/01/2023

Aprovado: 24/05/2023

Received: 09/01/2023

Approved: 24/05/2023